

Apresentação

OS FAMIGERADOS LINGUISTAS POPULARES

Por Marcelo Rocha Barros Gonçalves¹

— “Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: fasmisgerado... faz-megerado... falmisgeraldo... famílias-gerado...?

Só tinha de desentalar-me. O homem queria estrito o caroço: o verivérbio.

— Famigerado é inóxio, é “célebre”, “notório”, “notável”...

— “Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?”

— Vilita nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...

— “Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?”

— Famigerado? Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito...

— “Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Escritura?”

¹ Marcelo Rocha Barros Gonçalves, Doutor, professor associado da UFMS, <https://orcid.org/0000-0002-1894-9746>. E mail: marcelo.barros@ufms.br

Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que o diabo, então eu sincero disse:

— Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado — bem famigerado, o mais que pudesse!...

— “Ah, bem!...” — soltou, exultante

João Guimarães Rosa em “O Famigerado”.

O dossiê em questão, publicado na egrégia Revista Papéis da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, reúne as contribuições de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros e norte-americano, em distintos níveis de formação, sobre a Linguística Popular. Compõem-no seis artigos que abordam desde a trajetória histórica do campo até as interações da Linguística Popular com outras áreas — aparentemente alheias ao tema, como as Ciências Médicas — demonstrando, especialmente no quarto texto, a sua relevância para os estudos da linguagem. Além de trazer à tona uma diversidade de temas, que vão da análise de dicionários populares às reflexões de leigos e intelectuais brasileiros sobre debates linguísticos, o dossiê pretende também colaborar com o processo de institucionalização da Linguística popular entre as ciências da linguagem praticadas no Brasil atualmente.

Inaugura o dossiê o artigo intitulado *Percursos históricos da Linguística popular como campo de estudo e suas relações com outros domínios da linguagem: o olhar linguístico*, de autoria do pesquisador radicado nos Estados Unidos, Dennis Preston - Adjunct Professor of Linguistics - University of Kentucky. Neste artigo, Preston, a maior autoridade no campo dos estudos da Linguística popular, assevera que a linguística popular enfrenta certas dificuldades de denominação: deve ela ser chamada de “linguística folk” ou “profana”, “cotidiana” ou “secular”? No artigo, o autor começa por um exame detalhado da noção de folk, antes de esboçar a história desse campo de pesquisa, dispensando atenção particular à dialetologia popular (ou “perceptual”). Depois, estabelece o valor dos trabalhos de Linguística popular em relação a vários outros campos de interesse, para concluir situando a Linguística

popular no quadro mais amplo de estudos correlatos, designados aqui coletivamente pela expressão ‘olhar linguístico’ (language regard).

Na sequência, as pesquisadoras Lívia Maria Falconi Pires e Lígia Mara Boin Menossi de Araújo, ambas da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, apresentam o artigo intitulado *Linguística popular e estudos discursivos: disputas de sentido em práticas emancipatórias*. Para as autoras, a Linguística Popular, campo de estudos da linguagem já bem constituído no contexto estadunidense, a partir dos trabalhos de Niedzielski e Preston (2003), no francês a partir de Paveau (2008 e 2019), no Alemão dos trabalhos de Lídia Becker (2019) começa a produzir os seus primeiros resultados no Brasil, com os trabalhos de Baronas e Cox (2020); Baronas (2021); Baronas, Gonçalves e Santos (2021) e Baronas, Matos e Almeida (2021). Assim, no Brasil, o Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais – LEEDiM/UFSCar/CNPq, por meio da sua Unidade de Pesquisa em Linguística Popular – UPLip, entrelaça esse campo com os estudos discursivos principalmente no que se refere aos estudos das práticas linguísticas. Essas práticas abarcam um conjunto de fenômenos linguísticos que são produzidos pelos sujeitos sobre a sua língua e a língua dos outros. Portanto, neste trabalho, analisamos práticas linguísticas emancipatórias que circulam no ambiente digital, mais especificamente no Instagram e no Twitter, com o objetivo de compreender como sujeitos não linguistas formulam hipóteses sobre o funcionamento semântico das palavras, contestam sentidos estabilizados e propõem deslocamentos lexicais vinculados a demandas ético-políticas. Defendemos que tais práticas não se limitam à denúncia de usos discriminatórios, mas constituem formas de intervenção popular sobre a língua, nas quais se articulam metalinguagem, militância e disputa de sentidos.

No terceiro artigo, intitulado *O Novo Dicionário Cearense, Práticas Linguísticas e Hipóteses Leigas*, os autores Marcelo Rocha Barros Gonçalves e Agne Henrique Santos Poço, ambos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Campus de Coxim, apresentam algumas reflexões sobre a Linguística Popular a partir dos conceitos de práticas linguísticas e hipóteses leigas, ou seja, momentos em que falantes comuns, sem formação na área de estudos da linguagem, produzem análises sobre determinados fenômenos

linguísticos. Para os autores, na perspectiva de Niedzielski; Preston (2021, p. 13), a Linguística Popular busca identificar e examinar as crenças e atitudes das pessoas sobre a linguagem em diferentes dimensões — como a produção da fala, a percepção e o processamento cognitivo —, reunindo e analisando comentários explícitos feitos por falantes não especialistas. O principal objetivo dos autores é analisar o Novo Dicionário Cearense: Expressões e termos usados pelos Cearenses de autoria de Anchieta Dantas, conhecido como Zé do Jati (Dantas, 2020), considerado aqui um não linguista. Trata-se de um dicionário não acadêmico, editado em formato de Cordel, e distribuído para aquisição em Feiras Populares, Feiras de Artesanato Regional e nos Mercados Públicos no Estado do Ceará.

A importância da Linguística Popular para a definição do conceito de dor e sua utilização na área da Saúde é o quarto artigo do dossiê. Nele os autores Sandra Miranda Goraieb, Beatrice Faccini e Roberto Leiser Baronas, todos ligados ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, partem da conceituação do sintagma “dor” para o uso laboral no campo das ciências da saúde e da relevância de não linguistas nessa construção. Tal conceito foi instituído para além dos registros lexicais presentes nos dicionários por uma demanda profissional não suprida suficientemente para uso laboral no campo. Houve a necessidade de uma padronização do conceito para que os profissionais pudessem ter clareza e uma base comum de entendimento sobre o fenômeno, dado que o tema prevê uma multiplicidade de fatores causais e semânticos além de diferentes categorias de agentes terapêuticos envolvidos: médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais etc. É relevante destacar que nenhum dos profissionais que participaram nessa conceituação era linguista. No Brasil, a tradução, apesar de ter sido realizada por tradutor juramentado, também não explicita a figura do linguista nesse processo. Mobilizamos para a análise os trabalhos de Niedzielsky, Preston (2003), Paveau (2020) Gonçalves e Conti (2021) sobre Linguística Popular (Folk Linguistics).

No quinto artigo intitulado *Os linguistas populares e as não-reincidências do seu dizer metalinguístico: discurso – estrutura, acontecimento e inventividade?*, o autor Roberto Leiser Baronas, toma como observável de

pesquisa um conjunto de posts publicados no perfil da rede social Instagram @amandinhamenelau. Os posts analisados discutem do mirante de uma metalinguagem, baseada na experiência e na inventividade das pessoas, um conjunto de expressões linguísticas mobilizadas no filme O Agente Secreto. Com base nessa coleção de exemplos, o objetivo primeiro do texto, independentemente de seus desejos, é pensar em possíveis contribuições teóricas dos linguistas populares para os estudos discursivos. Nesse sentido, embora a discussão não seja exaustiva, alargando a compreensão de Pêcheux (1983/2008), de que o discurso é a um só tempo estrutura e acontecimento, a partir dos dados mobilizados, é possível asseverar que o discurso é também constitutivamente a possibilidade da inventividade.

As autoras Terezinha Ferreira de Almeida e Nayhara Juliana Aniele Pereira Thiers Vieira, ambas ligadas ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar finalizam o dossiê com o artigo intitulado *Lélia Gonzalez, uma linguista popular atemporal: pretuguês, amefricanidade e saberes sobre a língua*. O objeto de estudo das autoras é um conjunto de intervenções folk de Lélia Gonzalez, importante intelectual brasileira com formação no campo das humanidades e ativista dos direitos das mulheres negras. De acordo com a categorização de Paveau (2018) por coeficiente, as contribuições de Lélia Gonzalez no campo das linguagens a caracterizam como cientista não linguista. Fruto de seu ativismo nas causas de gênero e raça, as contribuições de Lélia extrapolam as causas libertárias e reverberam no campo da linguística ao propor o conceito do 'pretuguês', apontando as contribuições africanas na constituição da língua portuguesa brasileira.

Fica registrado aqui um agradecimento muito especial aos autores e as autoras que acreditaram neste projeto de publicação, bem como para a Profa. Dra. Nara Hiroko Takaki, Editora da Revista Papéis, que não mediu esforços para que esta publicação saísse do campo das ideias e fosse para o ambiente digital.

Os organizadores, entre Coxim – MS e Londrina – PR, no final do outono político brasileiro de 2026.